

A escola na era da globalização: uma questão a ser discutida...

**Heloísa Appel Mazo*

RESUMO

O presente artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre as mudanças sociais que vêm ocorrendo na sociedade face a nova realidade do mundo globalizado e suas implicações na escola.

Na estrutura do novo mundo, o ser humano é visto como uma mercadoria sem identidade, sendo valorizado somente pela sua capacidade de comprar e vender. A convivência diária com uma mídia que impõe o valor do ter sobre o ser, tem contribuído para que se tenha indivíduos basicamente sem identidade, releguem ou reprimam até mesmo suas características de ser social em detrimento das necessidades impostas por uma mídia que "dita" elementos imprescindíveis para que o indivíduo consiga atingir a tão sonhada felicidade.

Envolvido e sufocado por essa gigantesca estrutura, inúmeros segmentos da sociedade percebem a urgência de rever a situação vigente. Para isso, lançam olhares para a escola, esperando desta instituição, contribuições que auxiliam jovens e crianças a conhecerem realmente o lugar que ocupam neste universo globalizado, consciência esta que lhe possibilitará ver-se como indivíduo do mundo e ser individuado. Para tanto, a escola é chamada a rever suas

* Mestre em Educação nas Ciências; Professora do Departamento de Ciências Humanas do Campus de Santo Angelo

práticas, seus valores, pois somente assim irá ao encontro dos desejos demandados pela sociedade.

ABSTRACT

The present article intends to make a reflection on the social changes that are happening in society due to the new reality of the globalization of the world and its implications in the school.

In the structure of the new world, the human being is seen as a merchandise without identity, being only valued by its capacity to buy and to sell. The daily coexistence with a media that imposes the value of having higher than the value of being has led to individuals without a defined identity, to individuals that repress their social characteristics . And at the same time this media imposes its values and its necessities which it says are indispensable elements for and individual to reach his dreamed happiness.

Involved and suffocated by that gigantic structure, countless segments of society have seen the urgency of reviewing this situation. For that reason they turned to schools , hoping to count on their guidance in order to help students to find their correct place in a globalised world, so that they will be able to see themselves as individuals . For that reason, schools are being invited to review their approach, their values. That's the only way schools have to meet the desires of society.

As portas do terceiro milénio estão se abrindo e uma nova realidade descortina-se. Vivemos hoje o ápice do capitalismo neoliberal e, em vista disso, instala-se um processo de globalização. Temos, então, um único mercado: a implantação do livre comércio juntamente com uma grande rede de informações.

Esses intercâmbios mostram a magnitude e o esplendor das conquistas tecnológicas alcançadas pelo homem, o que poderia nos fazer acreditar que os avanços científicos e o domínio tecnológico seriam o passaporte para um mundo melhor, mais humanizado, mais justo, com menos fome e exclusão social.

A realidade que encontramos, no entanto, é bastante diferente. Nela percebe-se uma total despreocupação com o aspecto humano, ficando claro que a era da globalização está calcada somente na supremacia tecnológica e econômica, fato determinante para que inúmeros valores culturais e morais sejam relativizados ou até mesmo banidos do contexto social.

Com uma sociedade estruturada em tais parâmetros, surgem novas necessidades, comportamentos e atitudes, provocando a reorganização do espaço social em detrimento do poder. Esta nova forma de organização social segundo CARLOS (1996:55), é garantida através "(...) do aprofundamento da divisão espacial do trabalho, da ampliação do mercado mundial, da eliminação das fronteiras do estado e da generalização do mundo mercadoria".

Envolvido por essa dinâmica, o indivíduo vai perdendo sua identidade e incorporando valores e comportamentos ditados pela mídia que, para garantir o sucesso, prega a competitividade e o consumo extremado, estimulando indiretamente o individualismo, a violência e a corrupção. Estes comportamentos caracterizam a nova ordem econômica que se apresenta, em que a pessoa não vale pelos seus direitos e capacidades, mas pela possibilidade de comprar e de vender.

Na sociedade vigente, o indivíduo deixa de ter características regionais ou nacionais e passa a ser um cidadão do mundo, que está constantemente diante dos desafios do capitalismo. Este novo sujeito social é aquele que, fragmentado pelo espaço e pelo tempo, teve banalizadas e relativizadas suas relações sociais e familiares, ficando atrelado à demanda econômica, a ponto de ocorrer até mesmo uma subordinação doméstica aos ditames de um mercado transnacional, que conduz "(...) a um processo de

homogeneização em que as pessoas pasteurizadas tornam-se idênticas, presas ao universo do cotidiano, submissas ao consumo e à troca". (CARLOS, 1996:57). Como reflexo destes fatos o autor acima citado nos coloca que:

"(...) um novo cenário passou a caracterizar a vida urbana. Hoje o local de troca de informações e de diversão é a TV ou o vídeo game, e não mais o saudável hábito das cadeiras nas calçadas ou das brincadeiras infantis que, sem sombra de dúvidas, traziam muito mais benefícios para as crianças no que concerne ao desenvolvimento da sua capacidade de estabelecer relações sociais, como no desenvolvimento do seu potencial criativo e intelectual".

Com isso, surge uma nova realidade, individual e, ao mesmo tempo, global, que se confunde e, neste movimento, a maior globalidade corresponde a uma maior individualidade.

Então, inebriada pela publicidade exacerbada, a sociedade é estimulada a ter necessidades e desejos, a consumir, a querer sempre mais. Nesta busca incessante, o homem vai volatizando as relações sociais, perdendo sua identidade concreta diante da identidade abstrata do trabalho e do consumo.

Pressionado pela nova ordem social, o cidadão é levado a estar sempre atento às necessidades impostas pelo seu cotidiano consumista que, em prol do desenvolvimento econômico, ignora a essência social do ser humano, transformando-se numa máquina, que não tem memória do seu passado, por não ter raízes e que, em função disso, é inseqüente com seu futuro.

É importante frisar que a falta de raízes conduz à perda da sua identidade nacional, tornando o homem um sujeito mundial. Em decorrência do assujeitamento pelo ter, o indivíduo tem sua vida direcionada a objetivos que se limitam à aquisição de bens materiais ou à manutenção dos mesmos, condutas estas que estão levando-o a negar sua característica de ser

geneticamente social. Por negar sua gênese, temos hoje cidadãos desorientados, insatisfeitos, que buscam compreender a dicotomia do mundo globalizado.

Para conseguir entender e conviver com a realidade vigente, é imprescindível que o indivíduo reflita até que ponto os ditames, impostos pela atual sociedade, tem contribuído para seu bem estar, pois só realizando uma reflexão minuciosa, terá condições de resgatar sua consciência individual. Assim, poderá descobrir e criar alternativas que lhe possibilitem melhor conviver com o espaço e o tempo fragmentado que a nova situação impõe.

Atualmente, descobrir formas de melhor conviver com as mudanças ocorridas talvez seja o maior desafio que a humanidade enfrenta na virada do novo milênio. Encontrar soluções é urgente. Por isso, imbuídos desse propósito, vários segmentos da sociedade brasileira estão elegendo a educação como elemento indispensável e responsável pelo resgate de valores como: humanidade, justiça, solidariedade, dentre outros tão necessários para o desenvolvimento de uma nação.

Frente a essa exigência, a escola precisa parar, refletir para ter clareza de aspectos importantes como: "De que forma pensa administrar essa nova demanda social? Qual a posição dos professores? Eles têm consciência das necessidade de redimensionar o conceito de ensino ou ainda estão colados ao velho conceito de que ensinar é transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade?"

Com esse chamamento, a sociedade está exigindo da escola uma posição mais definida. A instituição escolar está sendo posta em xeque, sua importância há algum tempo vem sendo relativizada, a ponto de estudiosos mais radicais afirmarem já a sua morte, devido à incapacidade que a mesma tem demonstrado de acompanhar e desencadear reflexões sobre a realidade vigente e, até mesmo, de avançar na construção do conhecimento.

A escola está sendo chamada para dar sua contribuição às famílias que estão sentindo-se impotentes diante da força apelativa dos meios de comunicação que, de forma inescrupulosa, vêm transformando a população infantil no maior alvo consumidor do país.

Este pedido de "socorro" ocorre porque as famílias não conseguem acompanhar as frenéticas mudanças da sociedade, tornando a tarefa de educar os filhos um desafio imenso. Para exemplificar a velocidade das mudanças ocorridas, basta observarmos a transformação de valores que ocorreu na infância de uma criança. Há poucas décadas, era possível ver crianças felizes brincando em árvores, soltando pipas, brincando de bonecas ou simplesmente deleitando-se com a companhia dos amigos. A realidade agora é diferente. Ser feliz não é mais sinônimo de liberdade, movimento, descoberta, curiosidades, encontro com seus pares. Com uma geração tão exposta a estímulos sensoriais, o mundo da criança ampliou-se e tornou-se muito mais complexo. Ser feliz na atual conjuntura está atrelado a ter o tênis da moda, a tomar coca-cola, a consumir o salgadinho há pouco lançado, a usar roupas da grife tal, é manusear toda linha de eletrônicos disponíveis, como games, computador, celular, agendas eletrônicas...

Com todas estas mudanças, as crianças são estimuladas a amadurecerem mais depressa que as gerações anteriores e, conseqüentemente, "o conceito de infância está ameaçado de extinção" (DAVID ELKIND apud ANGELÍ). Em decorrência dos valores ditados pela mídia, temos como produto crianças e adolescentes totalmente desorientados, superficiais, não habituados a pensar, somente a consumir o que é ditado pela máquina da comunicação.

Assim, segundo BELLONI (1994:208),

Em todo mundo contemporâneo coexistem duas fontes de informação e de saber para crianças e adolescentes: a escola convencional, da escrita e do livro, com suas disciplinas separadas e seus ciclos de progressão; e face a ele em torno e em todas as partes a escola paralela da mídia, cujas técnicas, funcionamento e formas de apresentação e mesmo os conteúdos são radicalmente diferentes dos da escola, e exercem sobre a inteligência, a afetividade e a

personalidade moral uma influência considerável, nem sempre em consonância com os objetivos conduzidos pela escola.

Disputar com o poder das telecomunicações é um desafio e um ato de coragem. Para isso, a escola deve se adaptar, se reestruturar, abrir-se para o mundo, integrando em seu ensino as novas linguagens que poderão instrumentalizar a criança a dominar a máquina e não ser dominado por ela. Para isso, é imprescindível a criação de um novo cotidiano para a escola. É preciso redimensionar sua função, seu papel na sociedade, sendo mais dinâmica, investigativa, realmente uma fonte de novos conhecimentos por excelência. Fazer uma reengenharia no contexto educacional é inevitável, pois as exigências sociais são outras. Distingui-las, compreendê-las e acompanhá-las é o desafio da educação da atualidade.

A ordem instala-se: "É preciso mudar, mas... mudar como? O que se deve fazer?"

Reverter este quadro parece uma utopia; porém, como muito bem colocava MENEGAZZO (1998), "A utopia é todo o ideal político de difícil realização, porém não irrealizável (...) por isso, o professor deve ter os pés no chão e as mãos no céu para não perder jamais a utopia de fazer a educação um agente de humanização do universo".

Com esse desafio a enfrentar, a escola começa a rever sua dinâmica pedagógica. Os livros didáticos já não podem ser considerados como fiéis companheiros, pois as exigências da sociedade extrapolam os conteúdos neles contemplados. O que era conhecimento acabado, hoje é relativizado. Tudo está sendo dialetizado, inclusive o cotidiano dos professores e dos alunos. O desconforto do desconhecido instala-se. A insegurança e o sentimento de impotência levam professores a buscarem alternativas e, na ânsia de acertar, alguns docentes tomam atitudes radicais. Neste momento, os conhecimentos acumulados pela sociedade são relegados a segundo plano, quase ao esquecimento. As aulas são enriquecidas de movimento corpóreo (passeios, vivência de experiências) tornando-se o movimento intelectual um

apêndice, ou algo que se desenvolverá com o tempo, com as experiências vividas..

É ditada uma nova "moda" no contexto escolar. Na tentativa de acompanhar e ressignificar as aprendizagens escolares, o cotidiano do aluno torna-se o protagonista da cena educacional. A partir de então, o importante são os acontecimentos mais próximos, o conhecimento linear, o aparente, o que é perceptível pelos sentidos, pressuposto este considerado imprescindível para que os conhecimentos sejam realmente significantes para o aluno.

E, utilizando o cotidiano como pano de fundo, consolida-se aos poucos a escola do óbvio, da supremacia da intuição sobre a razão, do senso comum entendido por SAVIANI(1984:10) como uma "(...) concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista (...)"mas ao mesmo tempo, um campo fértil de conhecimentos que, se bem conduzidos, serão os sustentáculos para a elaboração de novos conceitos.

Nestas palavras, o autor deixa bem clara a importância do conhecimento empírico, real e da análise profunda das crenças, valores e verdades até então difundidos pela sociedade, os quais permitirão ao homem tomar consciência do grau de dominação e alienação em que vive. Desta forma, ciente da dinâmica social em que está inserido, utilizará estes instrumentos como meios para conquistar o espaço que é seu por direito na sociedade. Nesta conquista, SAVIANI (op cit) "(...) coloca a escola como responsável em promover o desenvolvimento desse campo reflexivo, sendo esta a premissa básica, para sua consolidação como instituição responsável e capaz de promover mudanças sociais, refutando reproduzir valores, crenças e conhecimentos já cristalizados por uma classe dominante e repressora".

Comungando com as idéias de SAVIANI, temos GRAMSCI (apud MOCHCOVITCH, 1988) que também concebe a escola como elemento questionador e desencadeador de transformações sociais. Para isso, parte do princípio de que a efetivação de mudanças sociais somente serão possíveis na medida em que a escola proporcionar às classes trabalhadoras e aos pobres a

oportunidade de também tomarem-se governantes ou líderes. Desta forma, com seus direitos e deveres esclarecidos e tendo acesso à linguagem da classe dominante, a instituição escolar estará permitindo e investindo na elevação cultural das massas, fornecendo-lhes instrumentos de luta, que realmente possibilitarão condições para que o homem "(...) vá além da simples interpretação do mundo, que perceba a necessidade e a possibilidade de transformá-lo." (GRAMSCI apud MOCHCOVITCH, 1988:11)

Realizar essa tarefa requer mais do que simples vontade; é preciso conhecer as artimanhas da dominação ideológica, a qual é responsável pela produção de um consenso social que aceita a direção que a classe dominante dá à sociedade. Esta dominação ocorre devido à ausência de uma visão de mundo mais abrangente, conhecimento este que possibilita ao homem adquirir autonomia de pensamento e ação.

O despreparo intelectual, portanto, é responsável para que o indivíduo fique preso aos acontecimentos do senso comum também entendido por GRAMSCI (op cit, 1988:15) como "(...) a filosofia dos não filósofos, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos diferentes meios sociais e culturais, em que se desenvolve a individualidade moral do homem médio".

Ainda podemos complementar com o que diz MOCHCOVITCH (1988:15), dizendo que cotidiano:

"(...) é uma coerência na consciência individual, pois não se baseia na concepção crítica, numa interrogação, (...) caracteriza-se portanto em primeiro lugar pela adesão total e sem restrição a uma concepção do mundo elaborada fora dele próprio que se realiza num conformismo cego e numa obediência irracional a princípios e preceitos indemonstráveis e "não científicos" funcionando no plano da crença e da fé".

Como podemos observar, GRAMSCI e SAVIANI acreditam que somente será possível galgar novos patamares do conhecimento partindo dos

saberes imediatos da realidade, transformando a filosofia popular num elo de ligação, que permitirá unir teoria e prática partindo da reflexão do cotidiano dos alunos e dos professores. Nesta dinâmica, o professor se constituirá num "intelectual orgânico", entendido por GRAMSCI (op cit 1988:18) como aquele que realiza a filosofia da práxis através da reflexão da vida cotidiana do aluno, procurando, a partir dela, elevar a consciência fragmentária e dispersa que o mesmo possui do mundo, transcendendo ao momento da simples crítica da concepção dominante, utilizando a análise das suas verdades e do seu cotidiano (senso comum). Nele encontrará alternativas que redimensionem a concepção de mundo, até então construído pela classe dominante, criando-se um novo senso comum ou, como diz GRAMSCI (op cit, 1988:47), "(...) de um senso comum criticado para um bom-senso elaborado".

Gestar este novo contexto educacional é um grande desafio e para não cairmos nas malhas da superficialidade, é importante que tenhamos claros certos conceitos: O que significa trabalhar o cotidiano? De que forma o cotidiano e o senso comum poderão auxiliar para que o aluno tenha acesso aos saberes produzidos pela sociedade e, ao mesmo tempo, compreenda o processo social que está inserido?

Para responder a estas questões, é mister que tenhamos discernimento de que é cotidiano, e para isso, nos apoiaremos no conceito dialético de DIAS (1982:72) o qual nos coloca que "(...) O cotidiano é o locus do movimento dialético feito de contradições sempre resolvidas e sempre renascentes. Verdadeiro caleidoscópio (...), desenha a paisagem sobre o qual os homens erigem sua existência, seus sonhos e tristezas, grandezas e frustrações".

Como podemos ver, conforme DIAS (op cit), cotidiano é o setor privilegiado da prática, é o lugar por excelência onde as transformações ocorrem. É o espaço dicotômico no qual o homem pode tanto alienar-se pela repetição automatizada dos movimentos e dos gestos, quanto libertar-se

através da análise destes, buscando soluções racionais na prática humana e a compreensão dessa prática.

Assim, trabalhar com o cotidiano é trabalhar com essas dualidades, da repetição de gestos e atitudes automatizadas e com a possibilidade do vislumbamento de um novo mundo, a partir da análise e da reflexão das relações e ações que constituem o presente e o passado.

Tomando como referência esses conceitos, uma questão se faz pertinente esclarecer: "De que forma a escola vem trabalhando com este cotidiano?"

Lançando os olhos pelos caminhos que a educação vem trilhando, percebe-se que a instituição escolar vem trabalhando com o cotidiano numa perspectiva de mera constatação, sendo que a realidade apresentada não tem sido utilizada como fonte de questionamentos, de aprofundamento. O que vemos é um cotidiano sendo empregado para validar os conhecimentos abstratos, que a escola insiste em classificá-los como imprescindíveis para o bom desenvolvimento do indivíduo.

A forma superficial e descomprometida com que a escola faz a leitura do mundo com o aluno contribui para a consolidação de um senso comum respaldado em conhecimentos ilusórios, equivocados e preconceituosos. Este encaminhamento pedagógico fica bastante evidente quando saberes do cotidiano social são "trabalhados" a partir da leitura do livro e posteriormente da realização de um breve questionário, que tem a finalidade de averiguar o nível de memorização dos alunos. Após os educandos copiarem as respostas do livro - texto, o conteúdo é considerado "dado".

Sabe-se que muitos professores não dialetizam o conhecimento, porque essa prática educativa estimula as discussões, o levantamento de hipóteses e a confrontação de dados e ações que "impossibilitam" o educador de "seguir e vencer" os conteúdos estipulados na grade curricular, pois:

Poder-se-á dizer, mais uma vez, que tudo isso requer tempo. Que não há tempo a perder, visto que existe um programa que deve ser cumprido. E, mais uma vez, em nome do tempo que não se deve perder, o que se faz é perder tempo, alienando-se a juventude com um tipo de pensamento formalista, com narrações quase sempre verbalistas. Narrações cujo conteúdo dado deve ser passivamente recebido e memorizado para depois ser repetido". FREIRE (1986:53)

Certamente, esta é a escola que a sociedade vem questionando e desafiando a exercitar sua capacidade de análise e compreensão, abstraindo do cotidiano conceitos que estão cristalizados na sociedade. Assim, a escola estará realizando o que sugere PETERSEN (apud BRANDÃO e MESQUITA, 1995:32) quando fala que "(...) é preciso decifrar a realidade cifrada (...)" investigando questões ainda não articuladas e, frente a estas, tentar desestruturar sistemas conceituais, incorporando novas problemáticas que servirão como suporte para a construção ou reelaboração de novos conhecimentos.

Ousar transcender os limites do já existente é, sem dúvida, um grande desafio, que poderá deixar de ser uma utopia no momento em que a instituição escolar respaldar-se teoricamente, para ultrapassar os conhecimentos aparentes através de instrumentos analíticos (conceitos, categorias, hipóteses e teorias) que possibilitem a reformulação de novas concepções sem eliminar a subjetividade. Assim, cotidiano, senso-co-mum e ciência se constituirão em aliados na construção e aquisição de novos conhecimentos, desfazendo, com isso, o conceito de ciência como produto acabado e de aluno como ser passivo que deve absorver esse produto.

Galgar esse novo patamar requer do professor uma nova postura. Para isso, é preciso que ele tenha coragem de romper com o academicismo e a mera reprodução de conhecimentos, conscientizando-se de que "(...) sua primeira tarefa é fomentar a atitude questionadora, ancorada na pesquisa

permanente, evitando de todos os modos a subserviência a paradigmas vigentes". (DEMO, 1997:35)

É preciso que o educador desenvolva em si e nos alunos a capacidade de questionar, a curiosidade de descobrir os diferentes mundos a que pertence, elegendo a dúvida como mola propulsora para a aquisição de novos conhecimentos, possibilitando, através desta dinâmica, a construção das competências exigidas pela estrutura sócio- econômica vigente, dentre as quais destacamos: a competência de analisar, comparar e expressar seu próprio pensamento a partir da interlocução e dialetização dos pontos divergentes com seus pares, assim como o desenvolvimento da autonomia intelectual, o que permite ao indivíduo capacidade para localizar, acessar e usar informações acumuladas, demonstrando, com isso, estar consciente de que na nova era que se aproxima, o aprender a aprender é fator inquestionável tendo em vista que o aprimoramento intelectual será exigido como um hábito constante e imprescindível.

Por essa razão, é importante que a escola se conscientize de que, para atender a essa nova demanda social, caberá então ao professor ter clareza de que o educando somente conseguirá evoluir cientificamente a partir do momento em que sua sabedoria popular for respeitada, quando o educador não sobrepuser o conhecimento erudito aos saberes do senso-comum, de forma a possibilitar aos alunos a reelaboração de conceitos a partir da análise dos conhecimentos dogmatizados e cristalizados, instrumentalizando-os a conhecerem e entenderem o contexto em que estes foram historicamente construídos, desencadeando, então, aprendizagens significativas e reais.

E assim, incentivando os alunos a desenvolverem a capacidade de questionar, discutir pontos e contradições, o educador poderá mostrar aos alunos que, através da linguagem (oral/escrita ou corpórea), o homem dialoga, sendo esta "Exigência existencial" (FREIRE, 1985) que possibilita buscar alternativas para agir sobre o mundo, deixando sua marca na humanidade, sendo sujeito da sua historicidade. E, por esse movimento de ação e reflexão,

de constante inquietude, o homem vai distinguindo-se dos demais animais que realizam seus atos por instintos ou, como dizia FREIRE (op cit), pelo "puro fazer". Lendo e dialetizando o mundo, o indivíduo constitui-se num ser "do que fazer", pois percebe a importância da sua ação para a transformação e humanização da sociedade.

Nesta nova perspectiva, cotidiano e senso - comum serão um referencial importante no processo do conhecimento abstrato, que permitirá ao homem conhecer e conscientizar-se do lugar que ocupa neste universo globalizado, consciência esta que lhe possibilitará ver-se como indivíduo do mundo e como ser individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BELLONI, Maria Luiza. Formação do Telespectador: Missão urgente da escola. In: **Escola Básica. Coletânea BCE**. Campinas . São Paulo, 1994.
- BRANDÃO, CR, MESQUITA, Z., O Cotidiano como objeto teórico ou o Impasse Entre Ciências e Senso- comum no Conhecimento da vida Cotidiana. In: **Território do Cotidiano**. EDUNISC. Ed. Da Universidade. Porto Alegre UFRGS. 1995.
- CARLOS. Ana F. A Natureza do Espaço Fragmentado. In: **O Lugar do/ no Mundo**. São Paulo Hucitec. 1996
- DIAS, Maria Esther **B. Dialética do Cotidiano**. São Paulo. Cortez. 1992.
- DEMO, Pedro. **ABC. Iniciação à Competência Reconstructiva do Professor Básico**. São Paulo: Ed Papyrus, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____ . **Extensão ou Comunicação**. 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MENEGAZZO, Lilian Fornasari. La Globalización y la Multiplinariedad: dos viables significativas en la educación del nuevo milenio. **II Congreso Internacional de Educación Infantil do Mercosul. Santa Maria, RS. Junho 1998.**

MOCHCOVICH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola.** São Paulo, Ática, 1988.

ORTIZ, Luiz Guerreiro. Nuevos Parámetros para la Educación Infantil en el Umbral del Siglo XXI. **II Congreso Internacional de Educación Infantil do Mercosul. Santa Maria, RS. Junho 1998.**

SANTOS. Milton. **A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo. Hunitec. 1996

SAVIANI. Demerval. Educação: **Do senso-comum à Consciência Filosófica.** Cortez. São Paulo. 1984.